



O HOMEM NO BORDADO: UMA TROCA DE PAPÉIS?

Etienne Amorim A. da Silva¹
Alexsandra Maria Alves de Lacerda²

Nos últimos anos, o homem tem exercido atividades antes consideradas exclusivamente femininas, como cozinhar, cuidar do lar, lavar, passar, costurar entre outras e mulheres tem executado trabalhos antes considerados masculinizados, mecânica, engenharia, dirigir, agricultura, pesca entre outros. Esta troca de papéis tem aparecido com grande frequência em trabalhos científicos de diversas áreas. Neste trabalho, esta troca nos levou à indagação sobre o Homem no bordado de Passira, uma troca de papéis? Não se pretende esgotar o tema, porém, destacam-se algumas definições para dar suporte teórico nas discussões, como: Representações e relações sociais e gênero.

Iniciaremos pelo alguns conceitos para subsidiar ao objetivo que foi de identificar e analisar qual o significado atribuído pelos/as bordadeiros/as na inversão de papéis, ao fato dos homens realizarem a atividade artesanal de bordar que é vista como feminina.

As relações Sociais para Viezzer (1989) devem ser entendidas de acordo com o pensamento de Marx e Engels, segundo as quais são relações mútuas que se estabelecem entre os seres humanos para a produção e a reprodução das condições materiais da existência. Quando fala-se em relação social de gênero refere-se as relações entre os gêneros masculino e feminino, que ocorrem no âmbito geral das relações sociais, a partir da subordinação, a autora ressalta que esta característica esteve presente ao longo de toda a história da humanidade. Mas, não vamos nos remeter a este assunto para não esgotar o tema em questão.

Associando as relações sociais com as relações de gênero nota-se que são as relações que perpassam entre os homens e mulheres em casa, na rua, no trabalho, na sociedade. É a partir destas relações que cada indivíduo passa a se representar e se relacionar com a sociedade através da representação social. Segundo Arruda (2002), ela reflete sobre como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural..., por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Em suma, como interagem sujeitos e sociedade para construir a realidade.

A definição mais consensual entre os pesquisadores do campo é a de Denise Jodelet (2002, p.22): "As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e

¹ Economista Doméstica, Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Professora efetiva do Curso de Economia Doméstica – DCD/UFRPE. etienneaas@hotmail.com

² Aluna do Curso de Graduação de Economia Doméstica da UFRPE. leca_amal@hotmail.com



compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social".

Neste mesmo sentido, abordando os conceitos teóricos, entendemos que a categoria gênero distingue o sexo biológico (nascer fêmea ou macho) do sexo social (ser mulher ou homem; masculino ou feminino). Esta construção social dos sexos tem atribuído papéis diferentes para homens e mulheres nas diferentes sociedades construídas historicamente. Complementando esta definição, Matos (2003, in: Silva, 2007) ressalva que o enfoque de gênero identifica as diferenças e as desigualdades existentes entre os papéis do homem e da mulher, os valores, o acesso aos recursos produtivos e a participação nos processos decisivos, bem como as implicações dessas decisões para suas vidas. Embora que nos dias atuais, estes papéis estão sendo permutáveis constantemente.

O gênero ou o que sentimos ser homem ou mulher constitui nossa identidade e está presente em todas as relações entre homens e mulheres, entre masculino e feminino. Aprendemos a ser homem e mulher a partir do nosso cotidiano, desde criança, onde se estabelecem proibições, permissões, direitos e obrigações que vão formando/estruturando nosso modo de ser, a pensar, ver e agir enquanto GÊNERO. Assim, nota-se que a construção do ser homem e ser mulher perpassa nos diferentes papéis que exercemos até hoje, a construção socialmente diferenciada para os sexos distingue estes papéis, porém vemos que o cenário está em crescente mudança.

Esta mudança é percebida na cidade de Passira através do bordado. Essa é uma atividade antes vista como exclusivamente feminina, sendo passada de geração para geração. Atualmente, percebe-se que o homem também está inserido na produção do bordado, reforçando a teoria das constantes mudanças nos papéis desempenhados pelo sexo.

Parafraseando Ramos (1948), o bordado é um produto têxtil manufaturado onde há o entrelaçamento de fios originando um tecido ornamentado aspecto vazado por meio de agulhas e fios, podendo ser um produto desenvolvido artesanalmente ou industrialmente; Para Martins (1976), o artesanato é um trabalho doméstico que reúne os diferentes processos manuais de criação de objetos usuais e artísticos.

Bordar foi o jeito dado pelas agricultoras de Passira para conseguir uma renda extra no fim do mês. Na entressafra, o bordado chega a ser a única forma de garantir o sustento da família. Os bordadeiros e bordadeiras de Passira apresentam aos turistas, visitantes e comerciantes o produto que movimentava a economia da cidade através da Feira de Artesanato do Bordado Manual, todos estes fenômenos giram em um único eixo, a economia, ciência social que estuda as relações



humanas denominadas econômicas, avaliáveis em moedas e tendo por fim um consumo (RUIZ, 2003).

No Brasil, particularmente no nordeste não só o bordado, mas também outras atividades manuais passaram a fazer parte da rotina de vida da população, principalmente aquela que ficou em áreas distantes das metrópoles, como os engenhos e as grandes fazendas, favorecendo a expansão da chamada indústria doméstica (SILVA, 1995), é justamente isso que encontramos no município de Passira, este se encontra na macrorregião do agreste pernambucano, microrregião do médio Capibaribe, distante 100 km da capital, Recife. A cidade possui uma área de 480 km² de clima semi-árido, o clima aquece durante 6 meses os 27.910 habitantes que conhecem a Serra de Passira, ponto mais alto da comunidade (Mapa Interativo).

A cultura de Passira é vasta e atraente aos devotos de tradição, a comunidade tem prazer de realizar feiras festivas para expandir a fama do bordado. Segundo Firth (1974), qualquer produção material expressa a vida de uma sociedade, aquilo que chamamos de cultura, ou ainda comportamento aprendido, formas de agir pensar e sentir de indivíduos vivendo em sociedade; Firth (1974) observa também que em Pernambuco os bordados tradicionais são aqueles trabalhados em pontos matizados e crivo desenvolvido em Passira, às vezes associados à renda renascença, produto característico em outras cidades do interior de Pernambuco como Porção e Pesqueira são consideradas como o berço desta arte no nordeste. Em Passira, encontra-se peças com bordados cheios, bainha aberta, crivo, ponto corrente, matame, meio ponto e bainha decorada.

A história do bordado vem de longos anos e tem sua origem no ponto cruz, cujos registros históricos remontam na pré-história. Os homens ainda moravam em cavernas, o ponto cruz era usado na costura das vestes, feitas de peles de animais. As agulhas estruturadas nos ossos tinham linhas de tripas de animais ou fibras vegetais (REBOUÇAS, 2009).

A autora ressalta que existem relatos de que o bordado seja tão antigo quanto à humanidade e que o bordado com aplicações já era apreciado pelo homem há 30 mil a.C. Várias técnicas da arte dos bordados surgiram no Oriente Médio. A arte dos bordados manuais com suas variadas técnicas, ainda é bastante utilizada nos dias atuais. Esta descrição realizada por Simone Rebouças (2009) vai mais além quando ela afirma que no trabalho com bordados os profissionais dispõem-se de um grande e variado campo de trabalho. Para muitas pessoas é a oportunidade de iniciar seu próprio negócio, mesmo sem experiência. Para outras a possibilidade de incrementar sua empresa de confecção.

É possível detectar um franco processo de proliferação em todas as regiões do país, estes talvez sejam os traços mais evidentes dos chamados “projetos de geração de trabalho e renda,”



expressão que usualmente designa as diversas ações institucionais de fomento a atividades econômicas de pequeno porte. Silveira (1995) vai mais profundo e afirma que o universo contemplado nestas experiências é, certamente, vasto e heterogêneo, incluem-se ali pessoas envolvidas em unidades econômicas de cunho familiar, associativo ou micro empresarial, artesãos, trabalhadores autônomos no setor de serviços, jovens em processo de profissionalização, grupos de mulheres, pequenos produtores rurais etc. Para a população empobrecida, o estabelecimento de políticas sociais e emergenciais compensatórias é uma estratégia muito utilizada para superar as dificuldades.

O bordado visto como uma oportunidade de renda é, em muitos casos, oriundo do aumento da pobreza e da falta de oportunidade de emprego em nosso país. Considerando as desigualdades sociais e econômicas existentes entre homens e mulheres é de se supor que, na sua expressiva maioria, as mulheres chefes de família constituam um grupo a ser tratado com certo grau de prioridade nas políticas para a promoção do trabalho e renda. Pesquisas de 1997 comprovam que no Brasil, 25% dos lares são chefiados por mulheres, dados do PNAD (autor desconhecido – Articulação de mulheres Brasileiras).

No mais, é como pensou Firth (1974) o bordado enquanto atividade artesanal está relacionada simbolicamente aos rituais, a estética e a representação de vida de uma sociedade; como produto econômico é considerado artigo decorativo, de luxo a serviço de um mercado que poderia ser considerado como socialmente definido.

De acordo com Ruth Niskier (2000), a história da humanidade se faz e com ela uma cultura, uma história de homens e mulheres que pareciam destinados a circular em esferas não-comunicantes. Pela primeira vez, com maior nitidez, a partir do século XIX em função exatamente da revolução industrial as experiências de homens e mulheres vão finalmente, aproximar-se, em virtude da chegada das mulheres ao universo masculino. Visto a entrada das mulheres no âmbito masculino, deseja-se ressaltar neste trabalho a entrada do homem no ambiente feminino, ou seja, o homem inserido no bordado, tarefa esta de predominância socialmente feminina.

O Município de Passira passa por processos de compreensão sobre a participação do homem no bordado e da mulher na economia familiar. O homem e a mulher (marido e esposa) de Passira dividem as tarefas tanto no bordado, quanto na agricultura, que são as duas principais atividades econômicas da região. Ambos sentem orgulho com a troca de papéis que é feita quando o homem está fazendo bordado e a mulher está trabalhando na agricultura.



A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa que segundo Oliveira (2005) usa-se a abordagem qualitativa, como um processo de reflexão e análise da realidade, através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão do objeto de estudo. Foi utilizado para desenvolver a pesquisa o levantamento bibliográfico, e a pesquisa de campo. A pesquisa de campo foi desenvolvida na cidade de Passira, interior do estado de Pernambuco, contando com a participação de 15 bordadeiras/as, na faixa etária de 26 a 75 anos. Para acariação dos dados, foi elaborado um questionário semi-estruturado contendo 21 questões.

Resultados e Discussão

Para analisar e discutir os resultados fez-se necessário a entrevista com 07 homens e 08 mulheres que participam da produção e a comercialização dos bordados em Passira. Na coleta dos dados a maioria dos homens e das mulheres faz parte da faixa etária entre 36 a 75 anos de idade, enquanto que todos os homens são casados e apenas duas das mulheres são solteiras.

A maioria dos/as entrevistados/as não possui nem o ensino fundamental. Com exceção da Sr^a. Josefa F. P. S., esta bordadeira tem formação de nível superior, porém não atua na área de formação. Josefa afirma “*hoje tenho orgulho de ser uma personagem no bordado de Passira*”. Observamos que ninguém respondeu desgosto em estudar, porém alguns homens e mulheres declararam que a escola era distante de suas casas e com isto não havia motivação em estudar.

Quando questionamos sobre o conhecimento dos homens na atividade artesanal, uma das participantes informou que 80% dos homens que bordam são esposos de bordadeiras, ressaltando ainda que esta atividade não colocaria de forma alguma, dúvidas sobre a masculinidade destes homens. Porém, há algumas que opina diferente, observa-se no discurso de algumas que existe uma resistência ao artesanato desenvolvido pelos homens, como se pode verificar nos seguintes depoimentos: 1. “*É difícil o homem trabalhar no bordado, pois o artesanato é uma arte feminina*”.... 2. “*Os homens não constroem pequenos detalhes muito importantes para a arte*”.

Outra bordadeira ressalta que *o importante é quebrar o preconceito*. Contudo, percebe-se que existe um pouco de preconceito das mulheres ao fato dos homens bordarem, a cultura desta arte está enraizada pela figura feminina, todavia muitas mulheres mesmo possuindo este sentimento de preconceito percebem que não há diferença entre os bordados produzidos por homens ou mulheres.

Ao fazer o mesmo questionamento aos homens, notamos que para eles existe sim a valorização do seu trabalho, pois o que está sendo questionado é a arte, e a arte do bordado é desenvolvida perfeitamente por eles. Esta valorização é tanta, que na hora da comercialização não



há distinção entre os bordados desenvolvidos entre os sexos. Um dos participantes ressalta que *“consegue vender bem o bordado que ele faz, e esta renda é essencial para a sua sobrevivência e de sua família, porém ressalva que, o que não existe é a valorização do governo aos bordadeiros/as para desenvolver e ampliar o trabalho artesanal.* Porém percebe-se que o discurso é diferente da prática,

Ao chegar à cidade de Passira visualizamos vários grupos de mulheres sentadas em frente de suas casas com seu material nas mãos e executando seus bordados. Momento este de trabalho, lazer e terapia grupal. Porém, como nosso objeto de estudo são os homens no bordado, verificamos a ausência deles nestes grupos. Verificamos que o local preferido para o homem realizar seu trabalho artesanal é dentro do quarto, pois eles têm vergonha e timidez de fazê-lo em público. Percebe-se que a identidade do homem em ser bordadeiro é oculta perante a sociedade, neste sentido Hall (2005) afirma que

Identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Nota-se a desapropriação do trabalho artesanal por parte dos homens apenas pelo fato de ter sido historicamente criado uma imagem de que o ato de bordar é puramente feminino. Pelo desenvolvimento histórico da identidade feminina de bordar, os homens preferem assumir publicamente esta identidade mesmo a desempenhando com a mesma qualidade das mulheres. Na maioria dos casos, os homens não assumem esta identidade por não executarem apenas esta ocupação. Todos os homens entrevistados trabalham em outras atividades como a agricultura, comércio e serviços. Fazem o bordado para ser mais uma fonte de renda e alguns para ajudar a esposa.

Em Passira, existe uma associação para os profissionais em bordado que se organizam para uma melhor produção, todavia esta estrutura vai além dos nossos olhos, como diz Barbosa (1985), mesmo entre as cooperativas há uma divisão de tarefas em desenhar, riscar, cortar, bordar, lavar, engomar, vender entre outras; determina ainda a importância de cada etapa do trabalho. Este sistema ao mesmo tempo em que organiza, isola e desarticula o trabalho da bordadeira. Discordamos com a autora no sentido em que esta afirma que isola e desarticula, percebe-se que o trabalho é isolado no sentido em que cada etapa é única e pode ser desenvolvido por várias pessoas independente do sexo, no entanto, estas etapas não são desarticuladoras, mas promovem e articulam o trabalho em grupo.



Através da pesquisa de campo podemos concluir que bordar foi o jeito dado pelas mulheres de Passira para conseguir uma renda extra no fim do mês, e seus companheiros observando o lucro, começaram também a se interessar e confeccionar o bordado e dessa forma, o trabalho masculino foi surgindo na produção do bordado em Passira.

Observamos que os homens de Passira além de terem seus empregos fixos, bordam primeiramente para apoiar a sua família, pelo o lucro do bordado, pela cultura de sua cidade e também porque gostam da arte do bordado. Mas, além do conhecimento que tivemos do homem no bordado, esta pesquisa foi interessante e importante, pois conhecemos de perto a história do bordado que vem de longos anos e que se originou do ponto cruz.

É válido ressaltar que o trabalho artesanal que o homem faz através dos bordados em Passira, exhibe uma contradição entre o discurso apresentado e a prática de bordar, pois, ao ser perguntado se há algum tipo de preconceito sobre o ato de bordar, a maioria responde que não sentem nenhum tipo, porém quando perguntamos onde eles bordam a maioria responde que bordam dentro de suas casas. Percebe-se também que nesta mesma pergunta ao ser dirigida para as mulheres a maioria afirma que tem preconceito sim, mas não sabem, explicar o motivo de tal preconceito. Entende-se que os homens fazem o bordado, mas não gostam de ser identificados como bordadeiros e nem gostam de se expor executando a atividade de bordar em público. No entanto, evidencia-se que as relações de identidade é permeada pelo gênero, a atividade de bordar é historicamente marcada como feminina e os homens não se sentem pertencentes nesta atividade.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. UFRJ *Cad. Pesqui.* no.117 São Paulo Nov. 2002. doi: 10.1590/S0100-15742002000300007
Print version ISSN 0100-1574

BARBOSA, Maria Inês do Nascimento. MEDEIROS, Sueli Barbosa de. Bordado: da arte a exploração. In:_____ *Percepção da Bordadeira*. Recife, UFPE: CC Sociais Aplicadas. Departamento de Serviços Sociais, 1985.

BOAS, Franz. *Cuestiones Fundamentales de Antropologia Cultural: Tratados Fundamentales*. Buenos Aires: Lantaro, 1947.

FIRTH, Raymond. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

HALL, Stuart. *A identidade na pós – modernidade?* Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JODELET, D. Representações sociais : um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.



MARTINS, Saul. Arte e artesanato folclórico. In: _____ FUNARTE - *campanha de defesa do folclore – caderno de folclore*, 10. Rio de Janeiro, 1976.

NISKIER, Ruth. *Ciclo de palestras sobre a mulher no terceiro milênio – Comitê Cultural Feminino da ABL*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2000

RAMOS, Luísa e Arthur. *A renda de bilro e sua aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro, C. Mendes Júnior, 1948

REBOUÇAS, Simone Batista de Miranda. A arte dos bordados - *Uma oportunidade de iniciar seu próprio negócio*, acesso em: 2009, disponível em: <http://www.viaranking.com/articles/893>

SILVA, E.A.A. *Gênero e desenvolvimento local: A Participação das Mulheres na Associação de Pescadores e Moradores na Comunidade de A Ver-o-Mar*. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, UFRPE, 2007.

SILVEIRA, Caio Márcio. Trabalho e renda: ações institucionais de fomento no Brasil. Rio de Janeiro, 1995

SILVA, Maria Regina M. Batista e. Universo da bordadeira estudo etnográfico do bordado em Passira, nº chamada 39 S586u. Recife, UFPE – CFCH – Departamento de Ciências Sociais, 1995

Internet

PASSIRA. <http://www.mapainterativo.com/index.php/populacao/pernambuco-populacao-dos-municipios/passira-populacao>

RUIZ, Manuel. *Nome, definição e objeto da Economia* – 27/02/2003
<http://www.sociedadedigital.com.br/artigo.php?artigo=47&item4>

VIEZZER, Mema. *O problema não está na mulher*. São Paulo: Cortez – (Coleção Biblioteca da Educação. Serie 3. Mulher Tempo; v2) 1989.